

2509

Lo. 4169 ⁹



CASA DE MEU PAI

Historia contada por

Ilustrada por

ANA DE CASTRO OSORIO

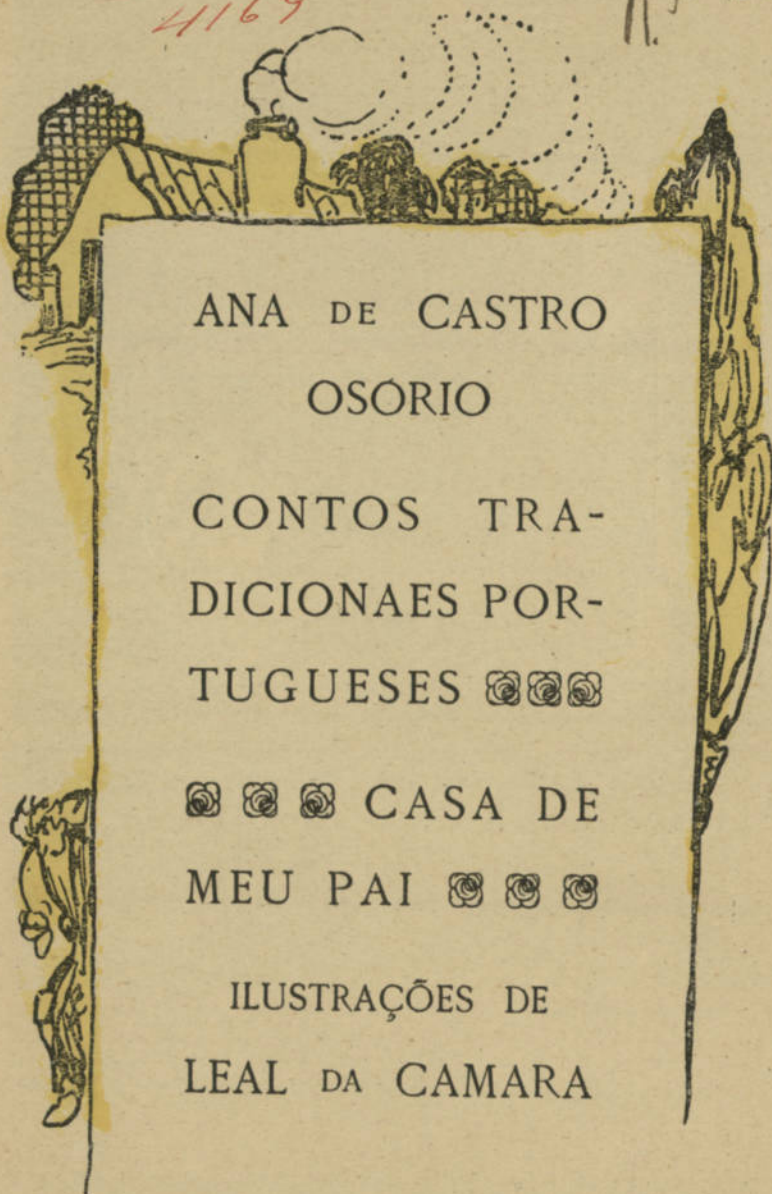
LEAL DA CAMARA

Colecção "Para as Crianças"—Lusitania Editora, Limitada—Arco do Limoeiro, 17, 1.º—LISBOA

BIBLIOTECA NACIONAL.
Constituição da Propriedade Literária.
L. 1470-A.

20 9
4169

97. 2
10 de Agosto de 1922
M. 26108



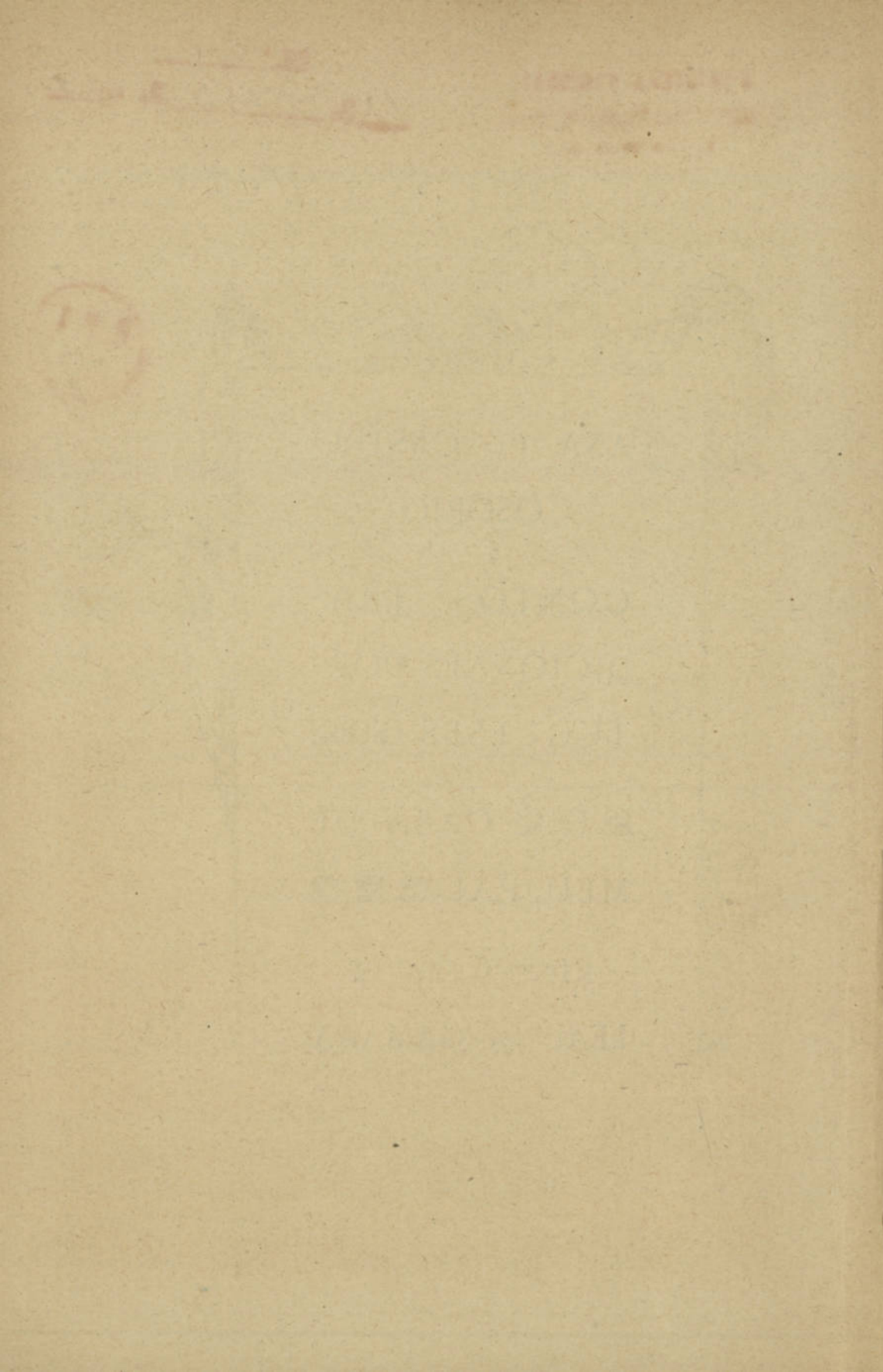
ANA DE CASTRO
OSÓRIO

CONTOS TRA-
DICIONAES POR-
TUGUESES ◻◻◻

◻◻◻ CASA DE
MEU PAI ◻◻◻

ILUSTRAÇÕES DE
LEAL DA CAMARA







Era uma vez um rapaz, muito pobre e humilde, que se apresentou á porta de um abastado lavrador pedindo trabalho.



Como faltasse, por acaso, um dos criados, foi contratado para o serviço, caindo logo na bõa graça de todos, porque era ladino, serviçal e bem apesoado.



A' noite quando vinha com os companheiros para a lareira, esperando a ceia, todos se admiravam de o ouvirem dizer :

— «Casa de meu Pai, casa de meu Pai! Mesas de engonços, candieiros de trinta luzes, garfos de cinco dentes. Enquanto ele era vivo tudo era para trás, para trás!... Depois da sua morte tudo para deante, para deante!...



Ora o lavrador tinha uma filha nova e bonita a quem não passava despercebido nada do que fazia e dizia o moço e sempre que lhe ouvia aquela pré-dica ficava muito intrigada; até que foi contar tudo aos pais que ficaram muito intrigados também.



Estes, cheios de curiosidade, puzeram-se a escutar e ouviram o mesmo:

— «Casa de meu Pai, casa de meu Pai! Mesas de engonços, candieiros de trinta luzes, garfos de cinco dentes!... Enquanto o meu Pai foi vivo, tudo era para trás, para trás!... Depois que ele morreu tudo era para diante, para diante!...



Pensaram muito no que essas palavras queriam dizer e convenceram-se de que o moço era muito rico e vivia numa grande herdade, com muita fartura, pois tudo ia para deante, para deante!... Convencidos disto, logo pensaram que seria assim um bom casamento para a filha.



Como a rapariga não achasse má a lembrança, falaram ao rapaz, que da melhor vontade disse que sim.



Depois de casados perguntou-lhe a noiva:

— «Agora me has de tu explicar o que queriam dizer aquelas palavras, que estavas sempre a repetir:

«Casa de meu Pai, casa de meu Pai! Mesas de engonços, candieiros de trinta luzes, garfos de cinco dentes! . . . Enquanto meu Pai foi vivo era para trás, para trás! . . . Depois que ele morreu tudo para deante, tudo para deante! . . .



— «Então ouviam o que andava a dizer?...
— respondeu ele a rir. — O que significava?!
E' bem simples: E' que na minha casa eramos muito
pobresinhos e como não tinhamos mesa para comer
punhamos o prato sobre os joelhos, que eram as
mesas de engonços.



Candieiros de trinta luzes eram as pinhas a arder na lareira.



Garfos de cinco dentes eram os dedos, porque não tínhamos talheres.



Era tudo para trás, para trás, porque o meu Pai quando era vivo ia ao mato buscar lenha, fazia grandes fogueiras e todos nos arredávamos para trás por não podermos aturar o calor.



Depois que meu Pai morreu já não tínhamos quem fosse ao mato buscar a lenha e assim, engatinhadinhos com frio, todos nos chegávamos para deante, para deante, ao borrarinho do brazido.



Quando encontrei o bem e a fartura desta família, lembrava-me da casa de meu Pai e da miséria que lá tinha, que me obrigou a vir procurar fortuna por estes mundos. Eu sinto-me feliz por ter encontrado esta casa e uma mulher tão amavel e tão desinteressada como tu, para aceitares um pobre rapaz, até aqui tão desamparado da sorte! . . .



A rapariga ficou um pouco desapontada mas, como gostava dele, não fez má cara, agora os pais é que deram por paus e por pedras, esconjurando o espertalhão. Mas, por honra da firma, nada quizeram dar a perceber e assim tornou-se o moço pobre um dos grandes lavradores da localidade, bem visto e querido como fidalgo de linhagem.

E quanto mais tempo passava e mais os seus haveres e a consideração do mundo crescia, mais o rapaz ria consigo, repetindo:



— «Casa de meu Pai, casa de meu Pai! . . .
Mesas de engonços, candieiros de trinta luzes, gar-
fos de cinco dentes! . . . Em vida de meu Pai era
tudo para trás, tudo para trás! . . . Depois que ele
morreu era tudo para diante, tudo para diante! . . . »



